

Ação política de Camdessus é criticada

Munique — A disposição do diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Michel Camdessus, de assumir riscos políticos para atrair a Rússia para um programa de reforma e estabilização econômica trouxe à superfície uma discussão de bastidores que interessa ao Brasil. Dada a importância estratégica para o Ocidente da estabilidade na antiga União Soviética e a pouca relevância do Brasil, a discussão pode acabar pesando contra o País quando a diretoria do Fundo se reunir, dentro de dois meses, para avaliar os resultados do programa econômico que negociou com o governo Collor.

A discussão veio à tona durante uma entrevista coletiva que o diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, deu na segunda-feira, em Munique. Duas semanas antes, seu antecessor no Fundo, o atual presidente do Banco da França, Jacques de Larosiere, dissera ao jornal econômico Alemão *Handelsblatt*, que desapro-

vava o caminho pelo qual o Fundo enveredou em suas discussões com a Rússia.

De acordo com o diário de Desseldorf, de Larosiere censurou a politização das relações do Fundo com o governo do presidente russo Bóris Yeltsin. Em sua opinião, a organização deveria limitar-se a prestar assistência técnica à federação russa.

Confrontado com a crítica de seu contrerrâneo, o diretor-gerente do FMI ficou visivelmente incomodado. Camdessus, que dois dias antes anunciara a liberação da primeira parcela de 1,1 bilhão de dólares de um empréstimo potencial de 4,4 bilhões para o governo de Moscou, disse que não via contradição entre a atual política do Fundo e a recomendação de Larosiere.

Critérios — O paralelo entre as relações do Fundo com o Brasil e a Rússia é óbvio: se seguisse à risca apenas seus critérios técnicos, a administração do FMI dificilmente teria recomendado o

acordo que aprovou em janeiro com o Governo brasileiro nem teria se engajado na negociação de um programa de reforma com Moscou. Mas ao contrário de Larosiere, que rezava apenas pela cartilha burocrática, Camdessus é levado, por seu estilo e pelas circunstâncias, a agir politicamente.

No caso brasileiro, ele enfrentou as objeções e críticas de alguns governos de países industrializados que prefeririam ter condicionado a aprovação do programa a adoção de mudanças estruturais pelo Governo, tal como a reforma tributária. Camdessus apostou na estratégia da equipe econômica do Governo. No caso russo, o diretor do Fundo está sob pressão oposta dos países industrializados. Diante da gravidade da situação russa, iniciou negociações de um acordo tipo *stand-by* com Moscou consciente de que as chances de o governo de Yeltsin vir a executar qualquer política vigorosa de ajustamento são mínimas.